

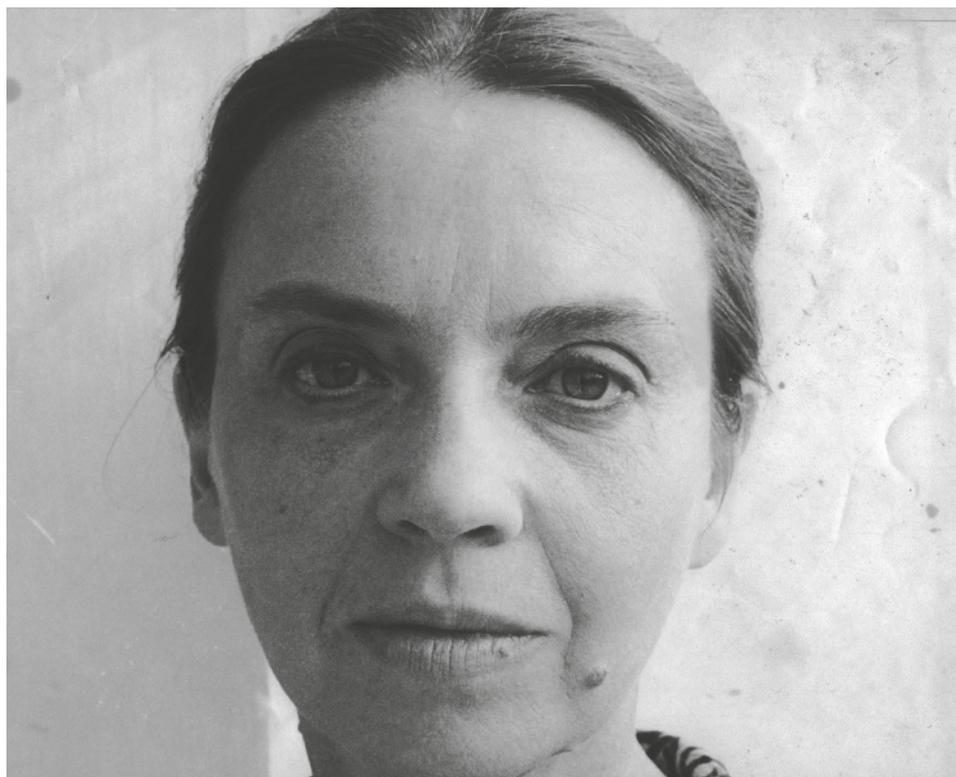
Sophia de Mello Breyner Andresen

# OBRA POÉTICA

prefácio de

Maria Andresen Sousa Tavares

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

## NOTA DE EDIÇÃO

Quinze anos após a sua estreia literária com *Poesia* (1944), e depois de ter publicado mais quatro livros, Sophia de Mello Breyner Andresen iniciou um importante caminho de revisão da sua obra, dando conta, na «Nota da 2.<sup>a</sup> Edição» desse seu primeiro livro, de alterações, supressões e acrescentos de poemas. Este tipo de indicação é em alguns casos explicitamente referido nos próprios livros, como ocorre aqui, ou como ocorre na segunda edição conjunta de *No Tempo Dividido* e *Mar Novo*, em 1985, outra data assinalável no plano das revisões feitas pela autora. Mas também deparamos com importantes intervenções na obra, sem que sejam apresentadas notas explicativas; refira-se, neste sentido, o marco que constituiu a edição da obra poética em três volumes na Editorial Caminho (1990-1991), momento significativo do ponto de vista de uma revisão que implicou a exclusão de um considerável número de poemas. Nas edições autónomas, publicadas a partir de 2003, também na Caminho, impôs-se um forte propósito inclusivo que decorreu de um trabalho conjunto da autora com Maria Andresen Sousa Tavares, iniciado em 1999, a pedido de Sophia. Nesta última revisão, muitos dos poemas anteriormente excluídos foram parcial ou integralmente reintegrados na obra.

O presente volume da reunião da *Obra Poética* de Sophia de Mello Breyner Andresen adopta os critérios de fixação de texto da edição publicada em 2010, na Caminho (com 2.<sup>a</sup> ed. revista em 2011), que seguiu e actualizou a lição das edições em volumes autónomos, publicadas a partir de 2003 na mesma editora, organizadas por Maria Andresen Sousa Tavares e por Luis Manuel Gaspar.

Procedeu-se a um ajustamento relativamente à colocação e à numeração das «Artes Poéticas» que foram publicadas nas edições autónomas, a fechar as seguintes obras: *Livro Sexto* («Posfácio»); *Geografia* («Arte Poética I» e «Arte Poética II»); *Dual* («Arte Poética IV») e *Ilhas* («Arte Poética V»). À semelhança do que ocorreu com a arrumação des-

tes textos na *Antologia* (1.<sup>a</sup> edição, Portugália, 1968), as «Artes Poéticas» figuram aqui no final do livro. Verifica-se a existência de um hiato nestas numerações. A «Arte Poética III» apenas é designada deste modo na referida *Antologia* da autora (e em todas as suas reedições). Trata-se do texto lido por Sophia, em Julho de 1964, na entrega do Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, e publicado pela primeira vez como «Posfácio» à 2.<sup>a</sup> edição de *Livro Sexto*, tendo recebido a mesma denominação nas subseqüentes edições autónomas deste livro. O problema de como designar e onde colocar esta arte poética é reconhecidamente complexo e, porventura, não se prestará nunca a uma solução definitiva. Na edição da poesia reunida em três volumes, o texto figura como introdução, no primeiro tomo, sem apresentar nenhum título. Existe, no espólio de Sophia de Mello Breyner Andresen, um texto incompleto a que a autora deu justamente o nome «Arte Poética III» e que é diferente daquele que foi divulgado em *Livro Sexto*. Como não se concretizou a publicação desta «poética» inacabada, optou-se, no presente volume, por atribuir a designação de «Arte Poética III» às palavras de agradecimento do Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, de acordo com a decisão da autora na sua *Antologia*.

Tal como na edição de 2010, publica-se aqui também um conjunto de poemas que se encontravam dispersos em revistas, em livros colectivos, em jornais e num cartaz, desde textos que remontam à primeira fase da produção de Sophia, dos anos 1940, até aos últimos poemas escritos em 2001, e que não foram reunidos em livro pela autora.

Na presente edição dão-se ainda a conhecer alguns poemas inéditos que integram o espólio de Sophia de Mello Breyner Andresen (doado à Biblioteca Nacional de Portugal, em 2010). Refira-se a importância nuclear deste acervo para um aprofundamento da obra da autora. No prefácio a este volume, Maria Andresen Sousa Tavares apresenta alguns textos inéditos, devidamente enquadrados em função do percurso evolutivo da obra poética de Sophia. São poemas diferentes daqueles que surgem editados no final deste livro.

Para além das notas de edição da autora acima referidas, importa ainda destacar o facto de Sophia ter apresentado uma diversa sinalização explicitadora relativa a movimentações na obra, assinaladas nas próprias secções dos livros. Trata-se de um aspecto que tem grande relevância para

a leitura dos inéditos. Reporto-me ao reenvio para os célebres «cadernos», onde Sophia escrevia e copiava os poemas. Encontramos nomes de partes de livros que espelham esse trânsito de repescagem: «Poemas de um livro destruído», *No Tempo Dividido* (a partir da edição de 1985); «Poemas reencontrados», primeira secção do livro *Ilhas* (1989). Esses «cadernos» a que Sophia voltou com alguma regularidade são extremamente reveladores dos procedimentos composicionais da autora. Um dos exemplos mais eloquentes é o conhecido poema «Soror Mariana — Beja», publicado em *O Nome das Coisas* (1977). Como Maria Andresen revela no prefácio à presente edição, este belíssimo dístico constituía o início de um poema longo da primeira fase (datado de 1939).

Se, por um lado, a leitura dos poemas inéditos pressupõe uma contextualizadora que os situa numa dimensão suplementar à obra édita, por outro lado essa leitura não deixa de cumprir uma importante função reveladora. O ideal de harmonia perseguido na obra de Sophia sempre implicou avanços, recuos, oscilações de diversa ordem que dão conta do próprio caminho que visa a estabilização. A consciência da incompletude, o tacteio, a sombra precedem a nitidez, a transparência, o equilíbrio. A busca da palavra exacta pressupõe um vaivém que tem uma exteriorização visível nas referidas revisões da obra (com exclusões e reintegrações de poemas). Nesse sentido, os inéditos integrantes do espólio oferecem uma fascinante imagem dessa própria busca do ideal de clareza, parcimónia e nudez essenciais.

Queria endereçar uma palavra de gratidão a Richard Zenith pelas informações relativas às emendas manuscritas da autora, constantes dos seus exemplares da *Obra Poética* reunida em três volumes (Caminho, 1990-1991), que permitiram introduzir novas correcções na presente edição. A Rita Patrício agradeço o debate sobre a edição de texto e o inestimável apoio na decifração de algumas palavras de mais difícil leitura nos manuscritos de Sophia de Mello Breyner Andresen. Agradeço a Frederico Lourenço as conversas continuadas sobre a obra andreseniana e sobre os inéditos por mim seleccionados para esta edição. A Maria Andresen Sousa Tavares agradeço o profícuo diálogo sobre a problemática da edição da obra poética de Sophia e a sua permanente disponibilidade para acolher as minhas propostas desde que comecei a trabalhar neste projecto editorial.

CARLOS MENDES DE SOUSA

### III (ANTINOOS)

Noite diurna  
Até à mais funda limpidez do instinto  
Sob os teus cabelos em anel sombria vinha

Corpo terrestre e solene como o azul mais aceso da montanha  
O quase imóvel fogo dos teus beijos  
Pesa como o fruto pleno no rumor de brisa da árvore

Porta aberta para toda a natureza  
É através de ti que os meus rios caminham como veias  
Novilho de testa curta no secreto silêncio do bosque

Sobre os teus ombros poisa terrível o meio-dia  
Do divino celebrado no terrestre